

O grande palco da capital

Projetado e construído pelo escritório Ramos de Azevedo, o Theatro Municipal inseriu São Paulo na rota cultural do País

Gisele Machado | gisele@camara.sp.gov.br
Colaborou Leandro Uliam

No fim do século 19, a acanhada capital paulista não era nem sombra da metrópole em que se transformou. “Durante a transição do Império para o regime republicano, São Paulo era provinciana, caipira, uma cidade baixa, de taipa, muito aquém das cidades portuárias e que, de repente, enriquece e passa a exercer protagonismo”, conta a historiadora e artista plástica Beatriz Piccolotto Bueno, que leciona História da Urbanização na Universidade de São Paulo (USP).

Em quatro décadas, até 1930, brotaram no Centro edifícios que até hoje simbolizam a cidade, como o Theatro Municipal, Palácio da Justiça, Mercado e Pinacoteca do Estado. Esses marcos paulistanos têm em comum o fato de levarem a assinatura do lendário Escritório Ramos de Azevedo, aberto em 1886 pelo engenheiro e arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

À exceção da Catedral da Sé, o escritório foi responsável por todos os grandes projetos institucionais de São Paulo

até 1928, ano da morte de seu fundador. Um dos grandes destaques é o Theatro Municipal, cuja construção foi autorizada pela Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) por meio da Lei 643, de 25 de abril de 1903. “Fica o prefeito autorizado a construir, no terreno cedido pelo governo do Estado, o Theatro Municipal, e aprovadas as plantas e orçamento apresentadas pelos engenheiros Francisco de Paula Ra-

mos de Azevedo, Domiziano Rossi e Claudio Rossi”, diz o texto. A cessão do terreno também foi viabilizada graças a uma iniciativa do Legislativo municipal, que propôs lei para promover uma permuta do espaço com o governo do Estado.

A demanda por atrações teatrais e musicais já era forte na capi-

tal. Mas as grandes companhias e atrizes internacionais, como Eleonora Duse e Sarah Bernhardt, não tinham um palco à altura. Muitas vezes, os grupos artísticos partiam direto para Buenos Aires após a temporada no Rio de Janeiro, sem passar por São Paulo. Para resolver esse problema, a CMSP apro-

vou, de 1895 a 1903, cinco importantes leis de incentivo ao setor.

Uma dessas leis, a 336 de 1898, previa isenção de impostos, pelo período de 50 anos, a teatros construídos mediante concorrência pública. A intenção era suprir a falta do Teatro São José, que ficava no Centro e pegou fogo



ÍCONE • Theatro Municipal, encomendado para se tornar um marco de modernidade

HISTÓRIA

naquele ano. Um acordo entre empreendedores chegou a ser firmado, mas caducou e ninguém aproveitou o benefício.

Em 1903, com a aprovação da Câmara, o escritório estava automaticamente designado para erguer o tão sonhado Theatro Municipal. A obra, planejada para ser um ícone de modernidade, abrangeria não só o teatro, mas também a escadaria lateral e a fonte, que fariam a transição entre a obra e o Parque do Anhangabaú. Os croquis mostram todos os detalhes internos, indicando até mesmo as banquetas de veludo e os espelhos nos banheiros femininos. As ferragens e o mobiliário foram depois executados pelo Liceu de Artes e Ofícios, do qual Azevedo foi professor e diretor. “Cada profissional, de diferentes áreas, que olhasse o mesmo desenho já teria todas as informações necessárias”, observa o engenheiro Paulo Villares, bisneto de Ramos de Azevedo.

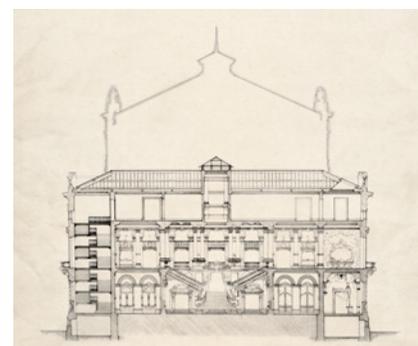
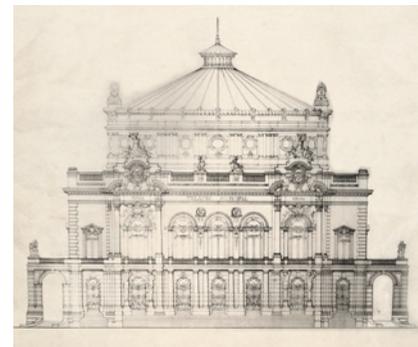


DETALHES • Projeto previa até o veludo usado no teatro, planejado para receber grandes artistas

Iniciada em junho de 1903, a construção do Theatro durou oito anos e consumiu 4,5 milhões de tijolos e 750 toneladas de ferro. Enquanto duraram os trabalhos, Ramos de Azevedo despachou diariamente em um gabinete montado no canteiro de obras, para acompanhar tudo de perto.

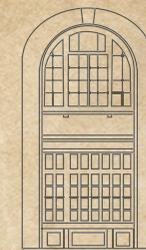
Dedicar-se pessoalmente a um projeto era algo raro para o arquiteto, que, além da atuação em sua empresa e no Liceu, também traba-

ESBOÇO • Croquis do Escritório Ramos de Azevedo para o Municipal



GRIFE

Ramos de Azevedo, ao centro, com a equipe do escritório que idealizou o Theatro Municipal



ROTEIRO PELAS OBRAS DE RAMOS DE AZEVEDO

CONSOLAÇÃO

- Portal do Cemitério da Consolação**
Rua da Consolação, 1660
2ª a 6ª • 7h - 18h
Visita guiada: 3ª e 6ª • 9h - 11h / 14h - 15h30
Agendamento: assessoriaimprensa@prefeitura.sp.gov.br

PRAÇA DA REPÚBLICA

- Secretaria Estadual da Educação**
Praça da República, 53
Visita externa

VALE DO ANHANGABAÚ

- Theatro Municipal**
Praça Ramos, s/nº
Visita apenas com monitores
3ª a sáb • 10h - 17h
(recomendável chegar até 16h)
<http://migre.me/qeWGV>

- Sede dos Correios e Telégrafos Centro Cultural**
Avenida São João, s/nº
3ª a dom • 11h - 17h

SÉ

- Palácio da Justiça**
Praça da Sé, s/nº
2ª a 6ª • 12h30 - 19h
Visita guiada: <http://migre.me/qeW4E>

PÁTIO DO COLÉGIO

- Atual Secretaria da Justiça do Estado**
Pátio do Colégio, 148/184
Visita externa

PARQUE DOM PEDRO II

- Palácio das Indústrias Museu Catavento**
Avenida Mercúrio, s/nº
3ª a dom • 9h - 17h (entrada até 16h)

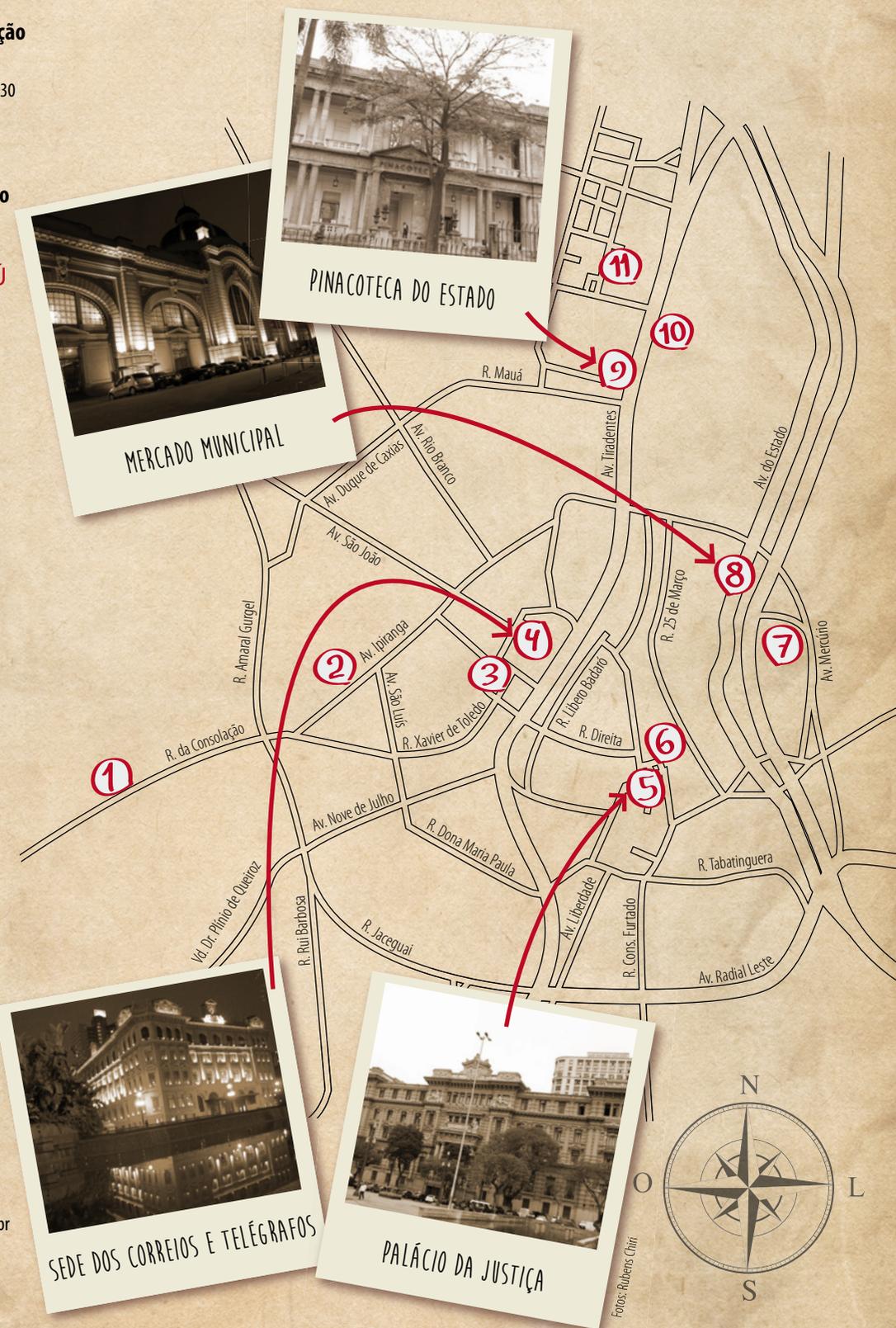
- Mercado Municipal**
Rua Cantareira, 306
2ª a sáb • 6h - 18h

LUZ

- Pinacoteca do Estado**
Praça da Luz, 2
3ª a dom • 10h - 18h
(bilheteria até 17h30)
Visita guiada: (11) 3324-0943

- Quartel da Rota**
Avenida Tiradentes, 440
Visitas estão suspensas
Informações: (11) 3327-7062
relacoespublicaspm@policiamilitar.sp.gov.br

- Edifício Ramos de Azevedo**
Arquivo Histórico da Cidade
Praça Coronel Fernando Prestes, 152
2ª a sáb • 9h - 17h (entrada até 16h30)



*Esses são alguns dos prédios públicos idealizados pelo Escritório Ramos de Azevedo



COMPLETO • Desenhos tinham informações para todos os profissionais envolvidos na construção, diz o bisneto Paulo Villares

lhou de 1900 a 1921 na Escola Politécnica de São Paulo, onde foi um dedicado professor e diretor. Ainda assim, a engrenagem montada permitiu que o escritório entregasse 4 mil obras completas (do projeto à execução) até 1980, quando encerrou suas atividades. Vários trabalhos eram executados simultaneamente e os prazos eram respeitados. O prédio dos Correios e Telégrafos, no Vale do Anhangabaú, por exemplo, levou apenas dois anos para ser finalizado, do projeto à construção. “Ramos não se tornou uma grande grife por acaso”, diz Beatriz Bueno.

“As obras de Ramos no Centro começaram a ser feitas nos últimos anos do Império e deram a cara de São Paulo nas três primeiras décadas do século seguinte”, diz o guia de turismo Laercio Cardoso de Carvalho (veja na página 13 roteiro pelos edifícios assinados por Ramos de Azevedo, no Centro). Para Beatriz, “os projetos possuem estilo eclético; conectados às tendências mundiais de arquitetura da época, têm muita qua-

lidade e são pensados tridimensionalmente, para serem vistos de longe, criando grandes perspectivas”. Além dos prédios públicos, foram vários trabalhos privados: dos 50 palacetes erguidos no período áureo da Avenida Paulista, 11 foram assinados pelo grupo de Azevedo, entre eles a sobrevivente Casa das Rosas.

DA TAIPA À METRÓPOLE

Nascido na capital paulista em 8 de dezembro de 1851, Ramos de Azevedo mudou-se para a Bélgica para estudar engenharia e arquitetura na Universidade de Gante. Voltou ao Brasil em 1878 e trabalhou em Campinas (SP) por alguns anos. Casou-se em 1880 com Eugênia Lacaze, com quem teve Francisco, Lúcia e Laura (avó de Paulo Villares). Seis anos depois, criou em São Paulo o primeiro entre os modernos e o mais duradouro escritório de arquitetura que a capital já teve.

A historiadora Beatriz Bueno, também curadora de uma exposição sobre o escritório, conta que Azevedo foi mais um grande empreendedor do que um notável desenhista: “O melhor dele era o gerenciamento, a visão”. Para garantir a qualidade e a agilidade, o empresário contratou grandes talentos da arquitetura e engenharia. Os funcionários, que chegaram a 500 em 1890, trabalhavam em pequenas equipes, organizadas de acordo com a especialidade e em plena sincronia. “Ramos de Azevedo imprime um padrão taylorista, uma cadeia produtiva impecável, com chefe de seção, de turma, do cálculo, de obras, hierarquias muito claras e as chefias respondendo pela qualidade do trabalho entregue”, explica Beatriz. “Ao final da tarde, os trabalhadores da obra e o pessoal de desenho conversavam



LEGADO
Fachada e vista interna do Arquivo Histórico Municipal, projetado pelo Escritório Ramos de Azevedo



sobre o resultado do dia e planejavam a jornada seguinte, numa escala industrial”, completa a professora.

Para segurar a clientela, além de qualidade, às vezes era oferecido

RIQUEZA
Para a professora Beatriz Bueno, obras acompanharam o enriquecimento da cidade



também o financiamento das obras, com ressarcimento posterior. Prova disso é o parecer favorável da Comissão de Obras da Câmara Municipal, em 17 de junho 1893, ao “pagamento da terceira e última prestação devida ao engenheiro Ramos de Azevedo pelo contrato celebrado com a intendência para reforço do prédio nº 19, à Rua 15 de Novembro”.

Carismático, sociável e comunicativo, o arquiteto “era muito respeitado pela burocracia”, segundo Beatriz. Mais do que respeito, Azevedo desenvolveu interesse pela carreira política. Numa sessão especial, em 22 de junho de 1904, a CMSP anunciou sua eleição como “senador do Congresso estadual”, com 28.265 votos. Exerceu a função por um ano e meio. Em 1917, filiou-se à Liga Nacional de São Paulo,

a assinatura de sua empresa. Foi enterrado no primeiro cemitério público municipal, o da Consolação, onde também está eternizada a marca de seu escritório, que projetou o portal de entrada do local.

“Em meio século de atividade, ligou o seu nome de modo imperecível à cidade de São Paulo”, disse na CMSP o vereador Alexandre Albuquerque, em sessão após a morte do arquiteto. No mesmo discurso, o parlamentar registrou que “em todos os grandes monumentos da nossa terra”, estava gravado, à época, o nome de Azevedo. “Poucas, muito poucas, serão as ruas de São Paulo em que não encontrem edifícios criados e erigidos por este grande arquiteto”, ressaltou. Lembrou, por fim, que graças a Azevedo a cidade rústica havia se transformado num lugar de modernos edifícios, feitos com ferro e concreto: “Foi o obreiro que, com suas próprias mãos, demoliu uma aldeia e construiu uma metrópole”. □

SAIBA MAIS

Livro
Theatro Municipal de São Paulo - 100 anos. Márcia Camargo. Dado Macedo Edições. 2011.

Exposição
Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade
» Até 28 de agosto
Na Escola Politécnica da USP
Avenida Professor Luciano Gualberto, Travessa 3, nº 380, Butantã
» De 1º de setembro a 1º de dezembro
Na Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP
Rua Maranhão, 88, Higienópolis

Tour Ramos de Azevedo
Guia de turismo Laercio Cardoso de Carvalho. Contato: (11) 99837-4063 e (11) 97966-6978. R\$15 por pessoa.